Intersubjetividade: análise de relatos em uma sessão vincular de um adolescente e sua mãe¹

Glenda Cryan², Buenos Aires

Marcela Pitone³, Morón

Roberta Gorischnik⁴, Concepción del Uruguay

Angeles Aparain⁵, Vicente Lopez

O objetivo deste artigo é analisar a intersubjetividade (entendida como um espaço psíquico diferente daquele dos sujeitos que o constituem e que possibilitam o estabelecimento de uma nova realidade) em uma sessão de vínculo entre um adolescente violento e sua mãe. A análise será feita a partir da leitura psicanalítica de Maldavsky sintetizada no método de análise do discurso denominado Algoritmo David Liberman-ADL, (Maldavsky, 2001, 2004, 2005, 2013), que permite observar desejos, defesas predominantes, pensamento pré-consciente-consciente e suas falhas, focando na diferenciação das histórias centradas em terceiros daquelas centradas no próprio narrador. Por meio do discurso do adolescente e de sua mãe, foi

¹ Equipe Intersubjetividade IAEPICIS-UCES: Renata Schaun, Suedem Medeiros, Ana María Pessoa, Aline Santos Soares, María Luzia Gomes.

² Doutora em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires (UBA). Membro do Curso de Pesquisador Científico do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET, em espanhol). Membro do Instituto de Estudos Avançados em Psicologia e Ciências Sociais (IAEPICIS) da Universidade de Ciências Empresariais e Sociais (UCES). Professora de graduação e pós-graduação da Universidade de Buenos Aires (UBA e UCES). Coordenadora Pedagógica do Curso de Especialização em Psicologia Clínica da Criança e do Adolescente (UBA).

³ Doutoranda em Psicologia pela Universidade de Ciências Empresariais e Sociais (UCES). Membro do Instituto de Estudos Avançados em Psicologia e Ciências Sociais (IAEPICIS, em espanhol) da Universidade de Ciências Empresariais e Sociais (UCES).

⁴ Doutoranda em Psicologia pela Universidade de Ciências Empresariais e Sociais (UCES). Membro do Instituto de Estudos Avançados em Psicologia e Ciências Sociais (IAEPICIS, em espanhol) da Universidade de Ciências Empresariais e Sociais (UCES). Docente do Mestrado em Família e Casal da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA).

⁵ Doutora em Psicologia pela Universidade de Ciências Empresariais e Sociais (UCES). Membro Docente da Associação Psicanalítica Argentina (APA). Membro do Instituto de Estudos Avançados em Psicologia e Ciências Sociais (IAEPICIS, em espanhol) da Universidade de Ciências Empresariais e Sociais (UCES).

Glenda Cryan et al.

possível observar o vínculo que eles conseguiram estabelecer ao longo de suas vidas, nas quais predominam situações de privação e vulnerabilidade psicossocial.

Palavras-chaves: Relatos de casos; Apego; Vulnerabilidade; Violência; Intersubjetividade

1 Introdução

Ao abordar terapêuticamente a violência juvenil, apresenta-se o enorme desafio de pensar os vínculos que um adolescente tende a estabelecer com outro(s) sujeito(s) nessa fase do ciclo vital, assim como eles mesmos são influenciados por vínculos primários. Se a principal característica desse problema reside nas formas patológicas de se vincular, seja através do ódio, da desqualificação e/ou da indiferença em relação a um par que não é considerado como tal, é pertinente indagar como tem se dado o processo de subjetivação e também que tipos de vínculos intersubjetivos predominaram na história do sujeito.

O objetivo deste artigo é analisar a intersubjetividade em uma sessão vincular, entre um adolescente violento e sua mãe, ocorrida após dois meses de uma abordagem terapêutica em grupo, de curto prazo e orientação psicodinâmica, que foi especialmente concebida para lidar com a violência juvenil.

A análise será feita a partir da leitura psicanalítica de Maldavsky sintetizada no método de análise do discurso denominado Algoritmo David Liberman-ADL (Maldavsky, 2001, 2004, 2005, 2013), que permite observar desejos, defesas predominantes e pensamento pré-consciente-consciente e suas falhas em relação aos procedimentos em três níveis do discurso: palavra, frase e relato. Considerando a amplitude de opções oferecidas pelo método, nessa ocasião optou-se por se concentrar na análise dos desejos nos relatos, tornando visível uma contribuição nova transmitida por Maldavsky (2014) em que o seu método é ampliado, oferecendo ferramentas específicas para a abordagem da intersubjetividade a partir de uma diferenciação entre os relatos centrados em terceiros e relatos centrados no próprio narrador. Essa diferenciação permite uma maior concentração na última parte do relato, ou seja, quem fecha o relato, a quem ele é dirigido, a que outro se fala e como se vincula esse sujeito com quem fala.

Isso nos leva a considerar a noção de vínculo, entendido como uma rede intersubjetiva de pulsões e defesas: desejos e defesas encadeados em vínculos mais estáveis, de natureza perturbadora ou enriquecedora dos processos psíquicos de

Intersubjetividade: análise de relatos em uma sessão vincular de um adolescente e sua mãe

cada um dos participantes e entre eles (Maldavsky *et al.*, 2010). O encontro de dois ou mais sujeitos permite a emergência de um novo espaço psíquico diferente daquele dos sujeitos que o constituem, uma trama de forças de origem pulsional que podem se opor, reforçar-se ou se unir para dar origem a outras e para o estabelecimento de uma nova realidade psíquica.

Essa noção de vínculo remete à intersubjetividade, à nova realidade psíquica que surge do encontro entre dois ou mais sujeitos, ao “entre subjetivante” que possibilita a emergência de certos processos e fenômenos. É por isso que entendemos que o sujeito, sujeito-com-outros, emaranhado em redes sociais e vinculares em constante fluxo e transformação, vai sendo construído e se construindo ao longo de toda a vida, produzindo qualidades novas, tornando-se aberto e operante.

É a partir dessa perspectiva intersubjetiva que tentaremos deslindar, na entrevista de um adolescente violento e sua mãe, as vicissitudes que surgem no vínculo entre ambos, a fim de refletir sobre o sintoma que levou o adolescente e a sua família serem encaminhados à consulta terapêutica.

2 Marco teórico

Nesta seção, iremos nos concentrar em definir o conceito de intersubjetividade em psicanálise, considerando sua importância não apenas na estruturação da psique, mas também nos efeitos gerados na abordagem terapêutica.

Em relação ao termo intersubjetividade, Muller (2009) aponta que Lacan foi o primeiro a introduzir a questão do outro sujeito por meio da relação entre sujeitos a partir da psicanálise, durante seus primeiros seminários (Lacan, 1981; Green, 2000), sendo talvez também o precursor no uso da palavra “intersubjetividade” dentro da psicanálise. Na psicanálise americana, o termo foi introduzido por Stolorow há quase três décadas (Aron, 1996; Stolorow, 2002). Na psicanálise do Rio de Janeiro, até poucos anos atrás, a palavra “intersubjetividade” era utilizada principalmente por grupos lacanianos centrados nos primeiros seminários de Lacan, ou então era patrimônio quase exclusivo de grupos voltados para a psicanálise de grupo, familiar ou de casal.

Com base nos estudos sistemáticos freudianos, Maldavsky (2004) parte das contribuições de Freud (1923), que propõe que a subjetividade implica a captação de qualidades em um mundo psíquico no qual se combinam três grandes exigências (pulsões mundanas, morais e ideais), notando que encarar a questão da subjetividade significa, ao mesmo tempo, levar em conta a eficácia dos vínculos, especialmente os nexos com outros sujeitos, ou seja, uma perspectiva intersubjetiva. O autor

Glenda Cryan et al.

propõe que esses outros sujeitos podem ser decisivos tanto na produção de sistemas valorativos e morais quanto no peso que adquire determinada pulsão, determinada erogeneidade, entendendo que eles fazem parte central da realidade que cada um deve reconhecer, e eventualmente transformar, além de possuírem grande eficácia para promover ou não o desenvolvimento de qualidades (de consciência) naqueles que dependem desses sujeitos (Maldavsky, 1997).

No mesmo sentido, ele aponta que a intersubjetividade não implica, portanto, apenas no estudo dos modos como cada pessoa processa exigências pulsionais próprias e alheias, dando-lhes um destino constituído por defesas funcionais e/ou patogênicas, bem ou malsucedidas, etc., mas também o estudo das formas como cada um conquista, perde temporária (ou permanentemente) ou ainda conserva a capacidade para a qualificação inerente ao trabalho da consciência originária (Maldavsky, 2007). Essa conceituação de intersubjetividade considera a eficácia dos vínculos e a existência de leis que regulam o fenômeno intersubjetivo (Souza Neto, 2021), o que leva a pensar na comunicação de inconsciente para inconsciente e de pré-consciente para pré-consciente (modos de reação do Eu/Ego em relação com outro Eu), o contágio afetivo (repetições no eu de estados afetivos do outro eu), as projeções e identificações (defesas frente ao vínculo) e, por fim, as investidas posicionais (lugares psíquicos em que se investe o outro), tal como propõe Freud (1921).

Uma contribuição interessante em relação à definição de intersubjetividade é feita por Kaës (1989), que a considera como uma estrutura dinâmica do espaço psíquico entre dois ou mais sujeitos. Esse espaço comum, conjunto, compartilhado e diferenciado, compreende os processos e as formações, assim como uma experiência específica, por meio da qual cada sujeito se constitui por uma parte no que concerne ao próprio inconsciente. Nesse espaço, em certas condições, particularmente quando se desliga das alianças que o mantém sujeito aos efeitos do inconsciente, mas que também o estruturam, um processo de subjetivação parece possível vir a ser Eu (*Je*) ao pensar o seu lugar no seio de um *nós*.

Da mesma forma, Dio Bleichmar (2000) afirma que a intersubjetividade se estabilizou como paradigma da origem e estruturação da psique a partir dos achados das pesquisas sobre a relação precoce entre a figura parental e a criança (Stern, 1985, 1995; Beebe, Lachman & Jaffe 1997; Fonagy & Target, 1998a), das pesquisas longitudinais sobre transmissão intergeracional e prospectivas sobre o apego (Main, Kaplan & Cassidy, 1985; Main & Goldwyn, 1994; Bailey *et al.*, 1999) e dos trabalhos sobre a função reflexiva do casal parental (Fonagy *et al.*, 1991, 1999; Fonagy & Target, 1998b; Waters *et al.*, 1995). Nesse sentido, as contribuições da autora são relevantes na análise das sessões vinculares naqueles

casos em que se observam falhas na estruturação da psique, bem como dificuldades nos vínculos iniciais e atuais dos adolescentes tanto com suas figuras de apego quanto com seus pares.

Ao abordarmos as implicações clínicas do estudo da intersubjetividade, é interessante considerar os vários discursos que entram em jogo no *setting*. Nesse ponto, vale destacar a proposição de Rodriguez, Soya, L. & Soya, P. (2021) no sentido de que as interações representacionais intersubjetivas se constituem no discursivo; é na rede de representações intersubjetivas que se sustenta a atribuição de pensamentos, crenças, intenções, desejos, atitudes, emoções com os outros e consigo mesmo.

Por tal perspectiva, o psiquismo é concebido como um sistema em continuidade/descontinuidade com o outro/outros, ao passo que a experiência psíquica e os processos mentais não podem ser compreendidos sem considerar a influência recíproca entre o sujeito e os outros significativos do contexto intersubjetivo. Em termos mais gerais, trata-se de mergulhar no inconsciente que opera em e entre os dois sujeitos.

Nesse ponto, é importante notar que a dimensão intersubjetiva do funcionamento psíquico engloba dialeticamente a dimensão intrassubjetiva, mas não a elimina, pois a perspectiva intersubjetiva estuda o funcionamento psíquico considerando sua interinfluência com os outros, enquanto a intrassubjetiva descreve aqueles funcionamentos mentais em que o outro é reduzido a um objeto interno. A relação com o objeto/outro como irredutível à sua interiorização tem sido menos considerada na psicanálise do que a relação com o outro/objeto interiorizado, e é justamente aqui que a perspectiva intersubjetiva faz sua contribuição, também conhecida como perspectiva vincular em psicanálise. Assim, destacam-se as contribuições de Berenstein (2001) ao apontar que, para a psicanálise vincular, o discurso familiar tem três modalidades possíveis: a mais próxima ao biológico, a mais próxima à posição no parentesco onde se estabelecem lugares para cada um com o legado transgeracional e, por fim, a feita por pais e filhos, produzindo um vínculo. Essa abordagem facilita a introdução no vínculo parento-filial a partir de uma dimensão metapsicológica do espaço psíquico constituído pelo “entre” que caracteriza esse vínculo transcendental na constituição subjetiva.

Em relação à análise da intersubjetividade, destacam-se as contribuições de Aparain (2013) sobre estudos de casais nos quais se observa uma variedade de manifestações discursivas, em que alguns relatos divergem por ser o sujeito o narrador. Maldavsky (2014), em seus últimos anos, inclui esta dimensão na análise do ADL (que será explicada na seção de metodologia), contribuindo para prover a dimensão intersubjetiva de novas ferramentas. Isso nos permite, tanto no campo da

Glenda Cryan et al.

pesquisa quanto no da clínica, identificar modalidades de interação entre os sujeitos que compõem o vínculo, estabelecendo sua bidirecionalidade. A intervenção em um marco vincular causa problemas diferentes e uma modalidade de trabalho diversa daquela apresentada em tratamentos individuais. Nessa perspectiva do que acontece com cada um dos integrantes do vínculo e do que constroem juntos, incluir o intersubjetivo, levando em consideração os aspectos intrapsíquicos, consiste em acrescentar o que há de mais característico de cada um e suas transformações.

Em um estudo anterior sobre o processo de pensamento de um adolescente violento com vulnerabilidade psicossocial em interação terapêutica com sua mãe, detectou-se que a análise de uma sessão vincular envolve um procedimento diferente, tanto na seleção da amostra quanto na análise, uma vez que a multiplicidade de discursos conduz a distintos cursos de pensamento que podem apresentar coincidências ou se contrapor, exigindo a intervenção específica de um terapeuta. Nesses casos, o enunciado do problema de um falante pode ser descrito por outro dos participantes ou ser exposto pelo sujeito, dando espaço a possíveis explicações se ele aceitar isto como seu próprio problema. Embora a análise desse tipo de sessão apresente um grau considerável de complexidade, vale destacar a riqueza que ela traz para a compreensão do vínculo materno-filial nas famílias em que a ação geralmente impede a comunicação verbal e o intercâmbio por meio do diálogo (Cryan & Maldavsky, 2018).

A intersubjetividade pode se tornar uma via régia de análise com a marca do encontro no *setting* da sessão analítica. Trata-se de um “entre” subjetivante que possibilita a emergência de processos e fenômenos únicos: sujeito, sujeito-com-outros, envolvido em redes sociais e vinculares em constante fluxo e transformação, acaba por se construir produzindo novas qualidades. A partir de uma perspectiva intersubjetiva em psicanálise, é possível pensar que o que acontece na sessão não se produz apenas junto, mas também na singularidade desse encontro no *setting* da sessão com aquele analista em particular.

A seguir, será exposta a metodologia empregada na pesquisa, destacando as possibilidades que o Algoritmo de David Liberman tem para o estudo empírico da intersubjetividade.

3 Metodologia

A metodologia se baseia na análise de um processo terapêutico de caso único. O estudo é exploratório e a análise foi realizada por meio do protocolo de uma sessão vincular (décima sessão) de um adolescente violento e sua mãe.

3.1 Participantes e amostra

Participantes: um adolescente violento de 15 anos, com vulnerabilidade psicossocial, e sua mãe.

Amostra: uma sessão vincular em que o adolescente e sua mãe participam.

3.2 Instrumento

O Algoritmo David Liberman-ADL, criado e desenvolvido na Argentina (Maldavsky, 2001, 2004, 2005, 2013), é aplicado em vários estudos de linguagem clínica e não clínica. Este método permite analisar os desejos e as defesas, assim como os seus respectivos estados, em três níveis das manifestações verbais: *Análise dos desejos e defesas no Relato* (ADL-R), *Análise dos desejos e defesas nos Atos da Fala* (ADL-AF) e *Análise dos Desejos e defesas nas Palavras* (ADL-P). Da mesma forma, o método permite a análise de componentes paraverbais (ADL-CP) e a motricidade (ADL-M).

No repertório das pulsões (e dos desejos correspondentes) do ADL, estão inclusas: 1) libido intrassomática (LI), 2) oral primária (O1), 3) sádico oral secundário (O2), 4) sádico anal primário (A1), 5) sádico anal secundário (A2), 6) fático uretral (FU) e 7) fático genital (FG). O conceito de libido intrassomática foi mencionado por Freud (1926) quando argumentou que, no início da vida, a investidura recai sobre determinados órgãos internos, principalmente coração e pulmões. As demais categorias correspondem às fases do desenvolvimento psicosexual. Quanto às defesas, é incluída uma diferenciação entre as defesas funcionais (segundo os fins, inibição, criatividade e sublimação) e as patológicas (repressão, negação, rejeição da realidade e da instância paterna, rejeição do feto).

No presente artigo, o ADL-R será utilizado para a análise da sessão vincular, partindo da abordagem do autor do método: para a análise dos relatos, se propõe, de forma canônica, transformar o discurso de cada falante em sequências narrativas. Cada uma delas é composta por dois ou três momentos ou cenas, ordenados segundo dois critérios: isotopia (ou seja, os momentos correspondem ao mesmo tema) e vínculo cronológico-causal (ou seja, os momentos seguem um ao outro de acordo com um critério temporal, em que o primeiro parece ser também a “causa” do seguinte, etc.). A descrição de cada momento de uma sequência narrativa também deve obedecer a uma série de regras expositivas: um número muito limitado de palavras, um único verbo central conjugado, etc. Foram levadas em conta as sugestões do autor sobre a importância da análise das sessões em que se analisa a intersubjetividade, a saber: 1- nas anedotas centradas no próprio sujeito, em terceiros ou em ambos, convém analisar cada momento ou cena com os instrumentos de estudo dos desejos e defesas e seus estados de que o ADL-R

Glenda Cryan et al.

dispõe; 2- diferenciar as anedotas centradas no falante daquelas outras em que o relato se concentra em pessoas diferentes do falante; 3- diferenciar as anedotas construídas por um único sujeito das construídas por dois falantes. Para melhor compreensão, será apresentado o caso clínico e o desenrolar da sessão vincular, exemplificando, a partir de alguns relatos, como foi aplicado o método que permitiu fazer a análise do discurso.

4 Análise do caso clínico

O adolescente que chamaremos de Damián tem 15 anos, tendo sido encaminhado para tratamento psicoterapêutico pela escola porque perturba os colegas; por ser repetente duas vezes, ele é mais velho que os demais alunos da turma, apresentando problemas de integração. Na entrevista de admissão, a mãe afirma que costuma chamar a atenção da professora e que ela responde mal desde que descobriu que os irmãos do adolescente não são filhos de seu pai biológico, mas do companheiro de um casamento anterior. O pai é alcoólatra e costuma se ausentar de casa; quando volta, geralmente ocorrem episódios de violência verbal. Assim como o pai, o paciente sai de casa quando fica com raiva e costuma brigar com gangues rivais em seu bairro.

No início da sessão aqui analisada, pergunta-se ao adolescente sobre sua ausência na sessão da semana anterior, na qual sua mãe compareceu sem saber o que havia acontecido com o filho. O adolescente começa seu relato explicando que “veio à sessão sem encontrar ninguém” e que, incapaz de localizar o consultório, voltou para casa. No entanto, explica que, no ônibus, lembrou-se da localização do consultório, mas apesar disso não voltou. Quando a terapeuta indaga sobre o desencontro, Damián explica que chegou à sessão depois da mãe, porque, na verdade, havia esquecido que precisava vir à terapia. Quando lembrou que tinha hora marcada, já era tarde, mas, mesmo assim, resolveu vir, apesar de ter “muita preguiça” de sair de casa e caminhar para pegar o ônibus. A mãe, diante do relato do filho tentando justificar a ausência na sessão, explica que acreditou que ele saiu para trabalhar com um vizinho, para limpar uma casa pela qual é pago. Ela se mostra muito preocupada com o comportamento de Damián, expressando que o filho não precisa trabalhar, que a única coisa que deve fazer é frequentar a escola, estudar e vir à terapia.

Nesse primeiro momento da sessão vincular já é possível vislumbrar certas falhas na comunicação entre o adolescente e sua mãe, as quais irão se repetir no vínculo que estabelecem. Enquanto o adolescente tenta justificar sua ausência

Intersubjetividade: análise de relatos em uma sessão vincular de um adolescente e sua mãe

expressando que não encontrou ninguém (nem mesmo a mãe), que saiu tarde de casa sem que a sua mãe o visse e que teve preguiça de sair de casa e caminhar até a parada do ônibus, a mãe não acredita na explicação e sente que ele está mentindo, pois não considera a terapia uma obrigação.

A mãe entende que é obrigação do adolescente vir à terapia; parece ter medo de perder o espaço terapêutico, pois já procurara anteriormente ajuda psicológica para o filho, embora tenha sido uma perda de tempo para o profissional devido às ausências repetidas. Ela explica que, nessa terapia anterior, o filho não queria ir e não participava, então a terapeuta pediu para ele não aparecer mais e deixar o espaço para outro paciente porque Damián não valorizava o espaço. Por sua vez, ela questiona o benefício de ela mesma fazer terapia e afirma que ainda lhe falta tempo para avaliar a mudança, mas destaca que agora está mais tolerante. A mulher consegue explicar que, antes de iniciar a terapia, estava perdida em relação à educação de Damián, sem saber como tinha que ser mãe, quais eram suas falhas.

Nesse momento da sessão, expressa o desejo de que o filho mude e começa a reclamar do comportamento dele, que ele sai de forma imprevisível para a rua sem avisá-la, mencionando a preocupação que isso lhe causa quando chega em casa do trabalho e seu filho sumiu sem ninguém saber onde ele está. A mulher relata um episódio em que Damián havia desaparecido e seu paradeiro era desconhecido, então ela saiu procurando por ele até encontrá-lo na casa de um vizinho de quem ela não gosta, manifestando o receio de que eles se reúnam, porque é uma má companhia.

Na cena descrita acima, é possível detectar que a mãe pode tentar pensar sobre seu papel de mãe, perguntando-se quais são suas falhas ou em que poderia melhorar para beneficiar seu filho. No entanto, essa tentativa de reflexão fracassa, pois o seu relato começa a se dirigir ao filho que sai de casa sem avisar, estabelecendo amizades com quem ela não gosta.

Como a fala da mãe desqualifica de forma permanente o filho, que permanece quieto ao seu lado, a terapeuta pergunta o que ela gosta ou valoriza em Damián, momento em que o paciente começa a rir e diz “nada”. No entanto, a mãe o interrompe e diz que o filho é bom, carinhoso, e que, quando está com ela, costuma abraçá-la e beijá-la, ou se sentam para ver tevê e conversam. Olhando para o filho, ela lhe diz que essas coisas são boas para ela, principalmente que ele esteja ao seu lado. Quando a terapeuta aponta que é bom quando Damián está com a mãe, ela explica que precisa que ele diga onde está e com quem vai sair, porque tem medo de que algo de ruim lhe aconteça e quer saber aonde ir para procurá-lo.

Após ouvir as queixas da mãe por seu comportamento e falta de comprometimento com o tratamento, bem como as atitudes que ela considera

Glenda Cryan et al.

importantes e seus temores, o adolescente começa a explicar que não ajuda muito em casa, que está sempre sozinho porque seu pai trabalha e às vezes ajuda na limpeza. Ele explica que se chateia em casa, pois não acha nada interessante para se ocupar. Quando questionado pela terapeuta, consegue verbalizar que, às vezes, sai de casa para ir até a esquina, do outro lado da rua, com um vizinho, destacando a expressão “estou trancado”. Então, nesse ponto do “estou trancado” em casa, diz que geralmente não deseja fazer nada, não quer limpar nem ajudar nas tarefas domésticas porque está “entediado”.

Quando ouve a palavra “entediado”, a mãe passa a dizer o que o seu filho deveria fazer se está entediado, enfatizando que, se está se sentindo assim, pode assistir tevê, pode ler, pode procurar algo para fazer ou pode dormir, mas ela não quer que ele ande na rua sem que saiba o seu paradeiro.

A terapeuta pergunta ao adolescente o que ele acha das sugestões da mãe e, na ausência de resposta, indaga sobre seus interesses cotidianos. Damián menciona os cavalos, já que, no seu bairro, “há cavalos por todo o lado”, e costuma passar um tempo com os donos desses animais. Explica que gosta de cuidar deles porque tem alguns machucados e costuma defendê-los. Os cavalos a que se refere o adolescente são utilizados no seu bairro para levar cargas de papelão ou placas de papelão alcatroado que depois são vendidas. Em sessão anterior, ele já mencionara que o seu sonho era ter um cavalo.

Em relação aos aspectos positivos que enxerga em sua mãe, destacam-se dois fragmentos da entrevista. O primeiro é quando diz que “a mãe é boa com ele, não lhe bate⁶, cuida dele, protege-o”, enquanto, no segundo, valoriza a atitude da mãe por saber que ela não vai abandoná-lo nunca, mas explica que gostaria que não fosse “tão apegada a ele”.

Se nos detivermos nos principais relatos do adolescente, é possível pensar que, de acordo com o ADL-R, o desejo predominante seria o Fállico Uretral (FU), pois, em termos de espaço e tempo, refere-se ao que aconteceu em torno de sua ausência à sessão de terapia ou sua saída de casa sem aviso. Uma rotina é imposta ao adolescente: ir à sessão ou estar em casa, além de cumprir certas obrigações, como colaborar ou estudar, e, diante disso, ele se depara com o desafio fracassado de sair desse lugar. Tal fato pode ser observado quando ele não chegou ao consultório médico porque esqueceu o horário e acabou desorientado, ou quando saiu de casa e não lembrou que devia avisar para onde ia, ou mesmo quando ficava encerrado porque não era capaz de encontrar algo interessante para fazer. Na próxima sequência, podemos observar como ocorre a predominância de FU nos relatos de acordo com o ADL-R:

⁶ N.R.: *Pega* em espanhol.

Intersubjetividade: análise de relatos em uma sessão vincular de um adolescente e sua mãe

Damián veio para a sessão familiar sem encontrar ninguém.

Ao não localizar o consultório, voltou para casa.

No ônibus, lembrou da localização do consultório.

A predominância do desejo FU centrado na desorientação temporo-espacial encontrada nos relatos leva-nos a pensar no conflito que se apresenta para o adolescente em relação à saída exogâmica: sair de sua casa para o mundo exterior sem o necessário acompanhamento parental. Afinal, chegar à consulta terapêutica foi impossível para um adolescente de 15 anos acostumado a se virar sozinho na rua.

Em relação ao vínculo com a mãe, o processo de afastamento da autoridade parental parece ser obstruído pelo medo de que o filho saia de casa, separando-se dela. Nesse ponto, a repressão fracassa e o adolescente sai para o mundo exterior por meio da violência predominante nos vínculos com seus pares, que o leva a situações de risco e vulnerabilidade. Damián aprecia a atitude protetora da mãe, embora se note que consegue expressar o desejo de que ela não esteja “tão apegada”. O pai não aparece no discurso como uma pessoa com autoridade, alguém capaz de estabelecer limites claros que impulsionem a exogamia do filho; por ser um pai alcoolista, poderíamos pensar em uma ausência parental real. Portanto, o conflito endogâmico-exogâmico aparece como patógeno para o adolescente.

Apesar dessa dificuldade em sair para o mundo exterior, existe um interesse que o chama para o exterior, o qual surge com a sua defesa dos cavalos feridos, permitindo-nos pensar que o desejo em jogo é Sádico-Anal Secundário (A2), pois Damián se coloca como alguém que tenta erradicar a crueldade daqueles que causam mal aos animais. Esse desejo Anal-Sádico Secundário (A2) também é predominante na mãe, que se empenha em transmitir sua preocupação em ser “uma boa mãe”, em protegê-lo de situações de risco e de companhias perigosas que a fazem sentir que o filho “desaparece”, em reafirmar a obrigação do filho de estudar e ir ao tratamento. Diante da não internalização da lei que deveria estar estabelecida e da transmissão de valores, a mãe adota uma atitude controladora nas saídas e atividades do filho, ajustando-se ao dever, a fazer o que lhe corresponde e a respeitar a lei. Aqui se apresenta um exemplo dessa sequência de relatos em que a mãe indica as obrigações que o filho adolescente precisa cumprir:

A mãe considera que Damián deve estudar e fazer terapia.

Por isso não lhe deu permissão para ir trabalhar.

Ela se preocupa com o comportamento dele.

Essa atitude da mãe para com o filho acaba falhando porque ela não consegue remediar o que deveria ter acontecido, ou seja, a lei que precisaria ter sido internalizada nos primeiros momentos do desenvolvimento. Por isso, a

Glenda Cryan et al.

preocupação com o comportamento e a angústia acabam gerando o questionamento de seu papel de mãe.

Uma questão ligada ao conflito endogamia-exogamia é o sentimento de tédio imposto ao adolescente quando se encontra em casa, o que nos leva a pensar em um predomínio da Libido Intrassomática (LI), a qual se expressa em certa angústia apática. Esse tédio e apatia manifestadas pelo adolescente, especialmente dentro de casa, alternam com os surtos de violência que surgem no exterior, constituindo o motivo de ele ter sido encaminhado para tratamento terapêutico.

Em relação ao vínculo estabelecido entre mãe e filho com o motivo para o qual ele foi encaminhado para tratamento, que é justamente os episódios de violência de Damián, detecta-se, ainda no início do tratamento, que ambos apresentavam dificuldades para compreender seus estados mentais e emoções, uma vez que remetiam a situações traumáticas. No entanto, no decorrer de seus relatos na sessão, foi possível observar uma certa preocupação incipiente por parte do adolescente em compreender os sentimentos de crueldade que certas pessoas do bairro expressam em relação aos cavalos, reflexões que parecem corresponder ao momento em que Damián começa a tentar entender processos mentais e emoções que antes não tinham lugar em seu psiquismo. Paralelamente a isto, a mãe do adolescente também estaria trilhando um caminho similar em seu papel de mãe, pois tenta sair de certo déficit na capacidade de pensamento e de reflexão percebido nos relatos, os quais fazem referência à sua preocupação em “ser uma boa mãe”. Esse movimento especular poderia ser pensado como algo positivo em relação ao espaço intersubjetivo entre eles, no qual se veem transitando por um espaço de diferenciação e separação, quando a escuta e a palavra promovidas pela terapia começam a prevalecer.

5 Conclusões

Na abordagem terapêutica de adolescentes violentos, a inclusão de sessões vinculares é essencial, pois permite observar e analisar o tipo de vínculo predominante entre o filho e a mãe, a forma como ambos se comunicam, as identificações e desidentificações características dessa etapa, o afastamento da autoridade parental e o processo de saída exogâmica.

Neste artigo, uma sessão vincular foi analisada com base na teoria da análise do discurso expressa no Algoritmo David Liberman-ADL, o que implicou um desafio metodológico ao observar a dimensão intersubjetiva que se desdobra através da presença do discurso de dois falantes. Essa perspectiva é nova e complexa,

Intersubjetividade: análise de relatos em uma sessão vincular de um adolescente e sua mãe

pois permite investigar os relatos que estão centrados no narrador, bem como em um terceiro.

Em relação a esse ponto, é possível detectar que a mãe se concentra em falar repetidamente do filho, enquanto o adolescente mostra alguma relutância em falar dela. Nos relatos em que a mãe se refere a si mesma, predominam questionamentos ou reflexões sobre o seu papel de mãe. Os únicos relatos do adolescente sobre a mãe dizem respeito a uma pergunta da terapeuta, ocasião em que expressa o desejo de que a mulher não seja tão apegada a ele. Esse questionamento da mãe sobre seu papel e o desejo do filho de se separar dela podem ser pensados como uma tentativa de romper com a autoridade parental e conquistar certa autonomia em um ambiente no qual a exogamia esperável nessa fase da adolescência é vivida como perigosa por ambos.

O perigo experimentado diante da separação remete a certas falhas na constituição subjetiva. Os relatos da mãe permitem pensar em uma dificuldade primária de alojar psicicamente o filho, ou seja, de poder representar seus estados afetivos, o que se manifesta como um questionamento de seu papel materno, como a necessidade de estabelecer a lei e como um controle excessivo em relação ao filho.

Esse controle imposto pela mãe pode ser relacionado com o motivo da consulta inicial, que é a violência contra os pais. O adolescente faz uma saída fracassada de casa por meio de comportamentos agressivos registrados pelos professores e comunicados à mãe para que ela frequente um espaço terapêutico, o que retroalimenta o medo materno e intensifica o controle. O conflito patogênico em relação à endogamia-exogamia encontra-se expresso nos relatos do adolescente por meio do desejo fálico-uretral vinculado ao contexto espaço-temporal e também nos relatos da mãe por meio do desejo sádico-anal secundário vinculado à falta de comprometimento de seu filho com a terapia, com o estudo ou com as tarefas domésticas. Embora a mãe se esforce para tentar desempenhar um papel materno adequado, ela ainda é incapaz de se perguntar sobre as motivações que levam o filho adolescente a ter uma atitude oscilante entre apática e agressiva.

Em relação ao vínculo intersubjetivo entre Damián e sua mãe, o *pegar se* impõe como verbo. O adolescente refere-se à mãe como “é boa, não me bate”, manifestando contudo a necessidade de “que não seja tão apegada a mim”. Isso nos leva a refletir sobre a impossibilidade de manter uma distância ideal adequada e saudável entre mãe e filho, quando a separação progressiva dos pais é vivida com angústia catastrófica. Como não consegue impedir que a mãe seja tão apegada, o adolescente *bate* nos outros, transformando essa atitude violenta e agressiva no principal sintoma.

Apesar de tais dificuldades, é interessante pensar na emergência de um outro

Glenda Cryan et al.

diferenciado, que se expressa no cuidado, seja dos cavalos no caso do adolescente, seja do filho no caso da mãe. A possibilidade de pensar em um outro constitui a outra face do vínculo indiscriminado e apegado que ambos mantêm, e do qual só parece ser possível sair batendo. A partir da análise realizada e da predominância de elementos neuróticos ligados à presença do aspecto fálico-uretral, é possível pensar em um bom prognóstico na medida em que o adolescente responda de forma favorável à adesão ao tratamento. Para finalizar, destacamos que as sessões vinculares geram impacto na intersubjetividade, entendida como um espaço psíquico diferente daquele dos sujeitos que o constituem e que possibilitam o estabelecimento de uma nova realidade psíquica surgida a partir da presença do analista. □

Abstract

Intersubjectivity: analysis of reports from a family psychoanalysis session between an adolescent and his mother

The aim of this article is to analyze the intersubjectivity (understood as a psychic space different from that of the subjects that constitute it and that enables the establishment of a new reality) in a family session between a violent adolescent and his mother. The analysis is based on the psychoanalytical reading of Maldavsky synthesized in the method of speech analysis called the David Liberman algorithm (DLA) (Maldavsky, 2001, 2004, 2005, 2013), which facilitates observing desires, predominant defenses, pre-conscious-conscious thinking and its slips, focusing on differentiating stories centered on third parties from those centered on the narrator. Through the speech of the adolescent and his mother, it was possible to observe the bond that they managed to establish throughout their lives, in which situations of privation and psychosocial vulnerability predominate.

Keywords: Case reports; Attachment; Vulnerability; Violence; Intersubjectivity

Resumen

Intersubjetividad: análisis de relatos en una sesión vincular de un adolescente y su madre

El objetivo de este artículo es analizar la intersubjetividad (entendida como un espacio psíquico diferente al de los sujetos que lo constituyen y que permite el

establecimiento de una nueva realidad) en una sesión de vínculo entre un adolescente violento y su madre. El análisis se realizará a partir de la lectura psicoanalítica de Maldavsky sintetizada en el método de análisis del discurso denominado Algoritmo David Liberman-ADL (Maldavsky, 2001, 2004, 2005, 2013), que permite observar deseos, defensas predominantes, pensamiento preconsciente-consciente y sus fallas, centrándose en la diferenciación de las historias centradas en terceros de aquellas centradas en el mismo narrador. A través de los discursos del adolescente y su madre, fue posible observar el vínculo que lograron establecer a lo largo de sus vidas, en las que predominan situaciones de carencia y vulnerabilidad psicosocial.

Palabras clave: Relatos de casos; Apego; Vulnerabilidad; Violencia; Intersubjetividad

Referências

- Aparain A. (2021). Estudio de un niño con autismo y sus padres desde una perspectiva transgeneracional. *Revista de Psicoanálisis*, 78(2), 237-253.
- Aron, L. (1996). *A meeting of minds: mutuality in Psychoanalysis*. Hillsdale : The Analytic Press.
- Bailey, H.N. et al. (1999). Ainsworth revisited: an empirical analysis of interactive behavior in the home. *Attachment and Human Development*, 1, 191-216.
- Beebe, B., Lachman, F., & Jaffe, J. (1997). Mother-infant interaction structures and presymbolic self and object representations. *Psychoanalytic Dialogues*, 7, 133-182.
- Berenstein, I. (2001). *El sujeto y el otro: de la ausencia a la presencia*. Buenos Aires: Paidós
- Cryan, G. & Maldavsky, D. (2018). Proceso de pensamiento y vulnerabilidad psicosocial: Análisis del discurso adolescente y materno en interacción terapéutica. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, 22(2).
- Dio Bleichmar, E.D (2000). Lo intrapsíquico y lo intersubjetivo: metodología de la psicoterapia de la relación padres/hijos/as desde el enfoque modular-transformacional. *Aperturas Psicoanalíticas: revista de psicoanálisis*, 6.
- Fonagy, P. (1999). Persistencias transgeneracionales del apego: una nueva teoría. *Aperturas Psicoanalíticas*, 3.
- Fonagy, P., & Target, M. (1998a). An interpersonal view of the infant. *Psychoanalysis and Developmental Therapy*. London: Karnac.
- Fonagy, P., & Target, M. (1998b). Mentalization and the changing aims of child psychoanalysis. *Psychoanalytic Dialogues*, 8, 87-114.
- Fonagy, P. et al. (1991). The capacity for understanding mental states: the reflective self in parent and child and its significance for security of attachment. *Infant Mental Health Journal*, 12, 201-218.

Glenda Cryan et al.

- Freud, S. (1921). Psicología de las masas y análisis del yo. In Freud, S. *Obras Completas*, (Vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu Ediciones.
- Freud, S. (1923). El yo y el ello. In Freud, S. *Obras Completas*, (Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu Ediciones.
- Freud, S. (1926) Inhibición, Síntoma y Angustia. In Freud, S. *Obras Completas*, (Vol. 20). Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Green, A. (2000). The intrapsychic and intersubjective in psychoanalysis. *Psychoanalytic Quarterly*, 69, 1-39.
- Kaës, R. (1989). *Les alliances inconscientes*. Paris: Ed Dunot.
- Lacan, J. (1981). *Los escritos técnicos de Freud: seminario 1*. Buenos Aires: Paidós.
- Maldavsky, D. (1997) *Sobre las ciencias de la subjetividad*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Maldavsky, D. (2001). *Investigaciones en procesos psicoanalíticos*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Maldavsky, D. (2004). *La investigación psicoanalítica del lenguaje*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Maldavsky, D. (2005). La investigación sistemática en psicología y ciencias sociales desde la perspectiva de la subjetividad. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, 7, 161-178.
- Maldavsky, D. (2007). *La intersubjetividad en la clínica psicoanalítica. Investigación sistemática con el algoritmo David Liberman (ADL)*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Maldavsky, D. (2010). La investigación de la violencia en los procesos intersubjetivos con el Algoritmo David Liberman (ADL): muestras, estrategias de investigación, instrumentos, procedimientos. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, 14(1), 155-186.
- Maldavsky, D. (2013). *ADL Algoritmo David Liberman, un instrumento para la evaluación de los deseos y las defensas en el discurso*. Buenos Aires: Paidós.
- Maldavsky, D. et al. (2010). Sobre la investigación de los procesos subjetivos e intersubjetivos en psicoterapia de pareja. *Clínica e Investigación Relacional*, 4(3), 648-670.
- Maldavsky, D. (2014). Problemas metodológico-procedimentales en las investigaciones en pareja y familia. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, 18(1), 188-220.
- Main, M., & Goldwyn, R. (1994). Adult attachment rating and classification system. In Main, M. (Coord.). *A typology of human attachment organization assessed in discourse, drawings and interviews*. New York: Cambridge University Press.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood and adulthood: a move to the level of representation. Growing points of attachment theory and research. *Monographs of the society for research in child development*, 50, 66-104.
- Muller, F. (2009). El concepto de intersubjetividad en psicoanálisis. *Revista de Psicoanálisis*, 66(2), 329-352.
- Rodriguez, R., Soya, L.R., & Soya, P.R. (2021). Antropogénesis de la intersubjetividad. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, 25(1).
- Souza Neto, Z. (2021). Actos de habla en dos sesiones de mediación de conflictos en casos de custodia de hijos: análisis con el método psicoanalítico Algoritmo David Liberman (ADL). *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, 25(1).

Intersubjetividade: análise de relatos em uma sessão vincular de um adolescente e sua mãe

- Stern, D. (1985). *El mundo interpersonal del infante*. Buenos Aires: Paidós.
- Stern, D. (1995). *La constelación maternal. la psicoterapia en las relaciones entre padres e hijos*. Barcelona: Paidós.
- Stolorow, R. (2002). Reflexiones autobiográficas sobre la historia intersubjetivo de una perspectiva intersubjetiva en psicoanálisis. *Intersubjetivo*, 2(4), 193-205.
- Waters, E. *et al.* (1995). From the strange situation to the adult attachment interview: a 20-year longitudinal study of attachment security in infancy and early adulthood. *Society for Research in Child Development*.

Recebido em 15/05/2023

Aceito em 21/06/2023

Tradução de **Ernani Ssó**

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Edgar Chagas Diefenthaler**

Glenda Cryan

Nogoyá, 4431, 4ºA (1417)

Buenos Aires – Argentina

gcryan@psi.uba.ar

Marcela Pitone

Juez de la Gándara, 1009

Morón – Buenos Aires – Argentina

marcelavalentinapitone@outlook.com.ar

Roberta Gorischnik

21 de Noviembre, 364

Concepción del Uruguay – Entre Ríos – Argentina

robertagoris@gmail.com

Angeles Aparain

Avda San Martin 942

Vicente López – Buenos Aires – Argentina

aaparain@hotmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA